



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO SUL! LEVANTEMOS-NOS CONTRA O DESEMPREGO!

O flagelo do desemprego e da fome aumentam os nossos lares. Muitos milhares de operários agrícolas estão sem trabalho, passam miséria e sofrem porque o governo de Salazar e os grandes agrários assim o querem. São eles os responsáveis e os responsáveis dos nossos sofrimentos, são eles que nos negam o trabalho, o pão e o direito à vida.

A nossa situação piora dia para dia. Intensifica-se a mecanização da agricultura e os agrários negam-nos trabalho, o desemprego, que deixou de ser um problema de certas épocas do ano, passou a ser

permanente e sempre crescente; reduzem-se as áreas de cultivo; não há outros trabalhos onde empregarmos os nossos braços; os salários descem à medida que sobe o custo de vida; há centenas de milhares de hectares em pousio e o governo compra ao estrangeiro produtos que a nossa agricultura podia e devia produzir; somos vítimas de uma brutal repressão como resposta às nossas justas reclamações — tal é o quadro em que vivemos!

Não vivemos do ar nem podemos criar os nossos filhos desempregados. O trabalho é uma con-

dição para podermos viver. São os agrários que têm as terras — grande parte delas em pousio — são eles que nos têm que dar trabalho. Se não querem fabricar a terra, que seja entregue a quem a trabalhe.

Cada trabalhador deve ser garantido para esta ideia: não aceitar o desemprego de braços cruzados, não aceitar falsas promessas das autoridades «vai-se resolver para a semana» e passarmos meses a apertar os cintos. O trabalho, o pão, os nossos direitos, não se conseguem de mão beijada nem caem do céu. É necessário, é preciso conquistá-los pela luta organizada e firme de todos.

ORGANIZAÇÃO E UNIDADE

Cada um de nós deve compreender que a nossa força e invencibilidade assentam na organização, na unidade e na acção firme.

Quando os 350 mil operários agrícolas do Sul lutarem unidos e organizados, quando eles estiverem decididamente dispostos a não aceitarem o desemprego, a fome e a miséria em que vivem, o governo será forçado a satisfazer as suas reclamações.

É indispensável compreender que A UNIDADE será impossível sem organização. Façamos reuniões, formemos comissões de trabalhadores para a luta, estabeleçamos contactos com trabalhadores de outras terras, combinemos as formas de luta a empregar, para EXIGIR QUE SEJAM DESSENVOLVIDAS NOVAS CULTURAS NO SUL; A ASSINATURA DE UM CONTRATO COLECTIVO

DE TRABALHO QUE NOS ASSEGURE AS CONDIÇÕES MÍNIMAS DE TRABALHO; O RESPEITO PELAS 8 HORAS ONDE AS QUISEREM NEGAR.

Não larguemos as autoridades enquanto não houver garantias de trabalho. Exijamos com firmeza: queremos trabalho! Ou nos dão trabalho ou vamos todos buscar o comer onde o houver!

AVANTE NA LUTA CONTRA O DESEMPREGO!

UMA VITÓRIA DOS CEIFEIROS

A palavra de ordem do «O CAMPONÊS» que ninguém ceifasse por menos de 40\$00 (homens) e 30\$00 (mulheres) com 8 horas, foi seguida pela grande maioria dos ceifeiros do Sul.

O facto dos ceifeiros terem seguido a orientação do «O CAMPONÊS» e conquistado a jorna geral de 45 e 50\$00 e 25 e 30 respectivamente, com as 8 horas, é uma importante vitória. Importa reter que esta vitória é fruto da unidade, da organização e da crescente combatividade dos trabalhadores.

A maioria dos ceifeiros pegaram logo de início pelos 40\$00 e isso facilitou fazerem subir a jorna depois para 45 e 50\$00. Daqui se conclue que a palavra de ordem de 40\$00, como jorna mínima, foi correcta e por isso acatada pelos ceifeiros. A experiência da luta mostra-nos que os 50\$00 foram conquistados porque as massas lutaram por eles e porque se partiu uma posição base: da jorna mínima de 40\$00. Vejamos as jornas de algumas localidades.

Pias, Moura, Aldeia Nova, Brinches, V. Vargo, 40 e 45\$00 homens e 26 e 30\$00 mulheres. Nas duas últimas terras conseguiu-se os 50. Em Serpa 35\$00 (h) e 26\$00 (m). Nesta região as condições de trabalho são: 1 hora de almoço, 2 de

jantar e 4 fumaças de 20 a 25 minutos cada, e abalar de casa ao nascer e chegar ao pôr do sol. Baleizão, zona de Beja, 40\$00 (h) e 26\$00 (m) e 8 horas. Aljustrel, M. Velhos e R. de Moirinhos, 40, 45 e alguns 50\$00 (h) e 26 e 30\$00 (m) de sol a sol. Ervidel 40 e 45\$00 (h) e 23 a 35\$00 (m) e 8 horas. Montemor-o-Novo, Escoural, S. Cristóvão, Boa Fé, S. Sebastião, 40, 45, 30\$00 (h) e 25\$00 (m) e 8 horas. Vendas-Novas, Pegões, 45, 50, 60\$ (h) e 25, 30\$00 (m) e 8 horas.

Em Pias em duas reuniões de ceifeiros, uma de 60 e outra de 100, decidiu-se que ninguém saísse por menos de 40\$00. No dia 20-6-1963 concentraram-se na Praça de Jorna, exigindo os 40\$00. Os patrões ofereciam 35\$00. Ninguém saiu por este preço. No dia seguinte concentraram-se de novo e arrancaram os 40\$00.

Grupos de ceifeiros de Montemor-o-Novo e Escoural encontraram-se entre si para coordenar a luta. Foram feitos vários telefonemas para ceifeiros de outras localidades, seus conhecidos, a comunicarem quais eram os preços da região e como corriam nas terras.

Este ano houve uma compreensão mais clara em relação às empregadas. A maioria dos ceifeiros repudiaram-nas.

Verificou-se uma maior unidade entre os ceifeiros de várias localidades. O agrário, João Freixo, de Montemor, foi buscar um rancho a Niza por não querer dar as 8 horas. Estes ceifeiros, quando chegaram ao serviço, viram que tinham sido enganados. Pediram as mesmas condições do pessoal de Montemor. Como o agrário as não desse, foram para outro patrão ganhar 50\$00 e 8 horas.

Um agrário de Baleizão, foi a Pedrogão buscar um rancho de ceifeiros para não dar as 8 horas. O rancho ao chegar à herdade pediu as mesmas condições que os ceifeiros de Baleizão. Como lhes foram negadas, foram-se embora.

Ceifeiros de S. Romão! Os vossos companheiros de S. Cristóvão criticam a vossa falta de unidade e de solidariedade para com eles. Quando aqueles companheiros estavam a lutar por 50\$00, vós correstes a oferecer-vos por menos. Companheiros de S. Romão! Os nossos interesses são comuns. A nossa bandeira deve ser: «Um por todos e todos por um». Nunca devemos ir uns contra os outros. Contra nós estão os grandes agrários.

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS DO SUL! UNIDOS E FIRMES POR NOVAS VITÓRIAS POR PÃO E TRABALHO, PELA PAZ E LIBERDADE!

UMA MULHER SOVIÉTICA VOOU NO ESPAÇO

A 16 de Junho de 1963, a primeira mulher cosmonauta do mundo, cidadã Soviética, Valentina Terechkova, voou no espaço a bordo do «Vostok» VI. Deu 49 voltas à terra em 71 horas percorrendo 2 milhões de quilómetros.

Dois dias antes (14 de Junho) fora lançado no «Vostok» V, o cidadão Soviético Valério Bykovski, que fez 82 orbitas em 119 horas e percorreu 2 milhões e 300 mil quilómetros.

O voo conjunto de longa duração do «Vostok» V e do «Vostok» VI, em que pela primeira vez na História da Humanidade, foi lançada com êxito uma mulher no espaço, é uma maravilha extraordinária da ciência e da técnica Soviéticas que mostra as in-

mitadas possibilidades criadoras do homem socialista e a superioridade do Socialismo sobre o capitalismo.

Quando no mundo capitalista, as riquezas, a ciência, a técnica e o trabalho criador do homem são postos ao serviço da guerra e da destruição da Sociedade, no mundo do Socialismo são utilizados para tornar a vida mais bela e feliz aos homens.

Quando no nosso país as mulheres não podem gritar a palavra Paz, não podem pedir trabalho, mais salário, privadas dos direitos mais elementares e dezenas delas gemem nas masmorras fascistas e são cruelmente torturadas e outras assassinadas a tiro, como sucedeu a Catarina Eufémia em 1954, na União Soviética e nos outros países socialistas, a mulher coloca-se ao lado do homem em todos os domínios da vida política, científica e social. A mulher conquista o espaço com o homem.

«O CAMPONÊS», expressando a simpatia e a satisfação daqueles que trabalham a terra, saudavelmente os heróicos cosmonautas, Valentina Terechkova e Valério Bykovski pelos seus extraordinários feitos.

Colonos de pegões!

Os senhores da Junta de Colonização Interna preparam-se para vos passar a definitivos e obrigá-vos a pagar 10 a 12 contos por hectar, o que prefaz cerca de 300 contos em 30 anos, prazo para pagar o Casal.

É significativo o facto de, só depois de passados 10 anos, estes senhores se lembrarem de avaliar os casais. Quem criou esse maior valor que os casais hoje têm? Quem desbravou essas terras improdutivas? Foi o braço dos colonos. São eles que têm que pagar bem caro esse maior valor, criado pelo seu próprio trabalho através de tantos sacrifícios. E os senhores da Junta ainda têm a lata em vos dizer: «Quem não paga vai para a rua!»

Colonos de Pegões! Unidos, organizados e firmes não aceiteis tal injustiça! Dizei abertamente: não podemos pagar! Combinai uns com os outros como lutar contra essa roubalheira.

Se houver tentativa de expulsão de um colono, juntai-vos todos e impedi-o firmemente. Não recueis. A razão está do vosso lado.

NOTA

A SEPARATA REFFRENTE AO N.º 97 DE «O CAMPONÊS» DIRIGIDA AOS CEIFEIROS E CEIFEIRAS, NÃO É PUBLICADA NESTE NÚMERO POR FALTA DE ESPAÇO.

O 1º DE MAIO

FOI UM DIA DE LUTA

Contra a vontade do fascismo, das forças repressivas e dos grandes agrários, milhares de assalariados agrícolas comemoraram o 1º de Maio. Fizaram dele um dia de luta pela paz, liberdade e contra Salazar.

Em Grândola, Couco, Coruche, Montemor, Escoural, S. Cristóvão, Boa Fé, S. Sebastião, Alcórrego, Alparco, os trabalhadores do campo fizeram greve geral. E em Avis, Benavila, Ponte de Sôr, Montargil, Cabeção, Portalegre e outras terras, cerca de metade dos trabalhadores também fizeram greve.

Foram lançados em todo o Alentejo 150 mil tarjetas e manifestos copiografados e impressos. Milhares de homens e mulheres levaram-nos para casa e para o trabalho, para os lerem. Em Grândola, Couco, Montemor, Montargil, Pias, apareceram as estradas e muros cheios de inscrições: Abaixo o fascismo! Abaixo a guerra colonial! Paz! Liberdade! Amnistia! Viva o 1º de Maio! etc. Foram lançados em Montemor, Couco e Montargil várias dúzias de foguetes e morteiros.

Em Grândola fizeram-se vários piqueniques. Um deles com 100 pessoas, arrancou a cantar a «A Jornada» para o centro da vila, onde se deram vivas ao 1º de Maio e de gritos abaixo o fascismo.

A camarilha governante, inimiga da liberdade e dos trabalhadores, não quer que eles comemorem os seus dias festivos. Tal como o ano passado foi posto em acção

um poderoso aparelho repressivo. As localidades do Couco, Montemor, Avis, Aljutrel, Grândola e muitas outras foram ocupadas pela G.N.R. e PIDE. As estradas e transportes estiveram durante vários dias sob rigorosa vigilância policial.

Noutros pontos do país os trabalhadores comemoraram o 1º de Maio. Em Lisboa deram-se manifestações de rua. Os edifícios do SNI, do «Diário de Notícias» foram apedrejados. Houve purrada com as forças repressivas. Foi assassinado o operário tipógrafo, AGOSTINHO FINEZA. Mais uma vez a classe operária da capital mostrou a sua combatividade e apontou o caminho a todos os trabalhadores.

A par de muitas acções positivas que se fizeram, devemos reconhecer que este ano subestimámos bastante o 1º de Maio. Não fomos capazes de compreender toda a sua importância. O facto de em Pias, Vale de Vargo, Baleizão, Beja e outras terras, os trabalhadores não terem feito greve é a conclusão lógica dessa subestimação. E A SUA SUBSTIMAÇÃO ESTÁ LIGADA A UMA INCOMPREENÇÃO POLÍTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO E A LUTA CONTRA O FASCISMO.

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS! Organizemos a nossa luta para impedir ao fascismo a comemoração do 1º de Maio. Nós podemos fazer.

CONQUISTEMOS UM CONTRATO
COLECTIVO DE TRABALHO

«O CAMPONÊS» chama todos os seus amigos, todos os operários agrícolas, a organizarem a sua luta activa pela conquista dum contrato colectivo de trabalho. A luta pela sua conquista deve estar vinculada à luta contra o desemprego, por melhores salários e condições de trabalho. Amadureceram as condições para o arrancar. A situação dos operários agrícolas agravou-se sensivelmente. A sua sobrevivência reclama que lhes sejam asseguradas as condições mínimas de trabalho. Cresce a disposição

de luta dos trabalhadores e reforça-se a sua organização. Têm os operários agrícolas força para arrancar o contrato? Sim, têm! Eles tiveram força para arrancar as 8 horas, assim como outras reivindicações. A sua conquista não está dependente da vontade do governo, mas dependente da unidade, da organização e da acção decidida dos 350 mil assalariados agrícolas do Sul.

Eis o texto da exposição que circula entre os trabalhadores reivindicando ao governo o contrato:

«Senhor ministro das Corporações. Excelência:

Nós trabalhadores agrícolas do distrito de..., vimos, através desta exposição, pedir a V. Ex.ª um contrato colectivo de trabalho que assegure algumas das nossas aspirações mais sentidas e humanas e, ao mesmo tempo, levar até ao Senhor Ministro o quadro das nossas dificuldades de vida e de trabalho. O fim com que o fazemos é animado de um espírito humanitário e de justiça.

Os nossos salários são baixíssimos. Raras vezes eles vão além de 20 a 25\$00 para homens e de 12 a 15\$00 para mulheres.

Cada vez sentimos mais dificuldades em arrancar trabalho; cada vez passamos mais semanas e meses sem ganharmos nada. Com salários tão baixos, a lutar-nos o trabalho cada vez mais e sem termos outra fonte de rendimento senão o emprego dos nossos braços, como podemos nós viver com tal situação? Como podemos nós ganhar o pão para os nossos filhos?

Senhor Ministro, estamos perante uma nova situação: mecanizou-se e mecaniza-se cada vez mais a agricultura; os lavradores despedem-nos quando o entendem sem mais se importarem com a nossa vida; não aparecem outros trabalhos onde a gente se empregue. Vemos assim agravar de ano para ano a nossa situação e isso preocupa-nos seriamente.

Porque somos centenas de milhares e porque também somos trabalhadores portugueses, consideramos que temos direito a um contrato colectivo de trabalho, tal como beneficiam os outros trabalhadores.

Senhor Ministro, pensamos que o problema do desemprego não se resolve, distribuindo uns tantos trabalhadores para as estradas. Quem nos tem que dar trabalho são os lavradores. À nossa frente estendem-se muitos milhares de hectares de terra em pousio ou mal fabricada

INTENSIFIQUEMOS A LUTA

contra a guerra colonial

Cada vez pesa mais duramente sobre os ombros dos trabalhadores e do povo português as consequências da guerra criminosa que os salazaristas desencadearam nas colónias. Faltam os géneros alimentícios, sobem assustadoramente os preços dos artigos de consumo, aumentam os impostos, sacrifica-se a economia nacional, desviam-se para a guerra os dinheiros destinados a obras de fomento e de assistência, a nossa juventude é transformada em carne de canhão, integra-se servilmente a independência nacional ao imperialismo estrangeiro, tais são os efeitos desastrosos da política de traição da camarilha governante de Salazar.

O salazarismo faz desesperados esforços para manter as colónias. Elas são necessárias para a sua sobrevivência. Os governantes salazaristas oferecem as riquezas das colónias ao capital estrangeiro em troca do apoio ao seu regime. Eles não hesitam, para se aguentarem no poder e manter as colónias, entregarem-se de pés e mãos ao imperialismo estrangeiro e ceder às suas imposições.

A guerra colonial, que é uma aventura criminosa da ditadura fascista de Salazar, constitui, cada dia que passa, um maior perigo para a vida do povo português. For fim a esta guerra, de rapina e de extermínio, é uma tarefa patriótica do nosso povo. Os colonizadores serão derrotados. A luta dos povos das colónias portuguesas pela liberdade e independência, se

rá vencedora. A sua luta tem cada dia que passa um maior apoio, moral e material, dos povos de todo o mundo.

Nós trabalhadores do campo e todos os portugueses honrados, devemos participar mais activamente na luta contra esta guerra. Fazendo-o estamos de facto a cumprir o nosso dever de patriotas, estamos a ajudar os nossos irmãos de luta a derrotar o inimigo comum.

A luta contra a guerra está intimamente ligada à intensificação da luta por trabalho, por melhores salários, contra a falta de géneros contra a vida cara, contra os impostos elevados e contra a partida de soldados para as colónias. Está ligada ao reforçamento da organização e unidade dos trabalhadores, formando Comissões de unidade e Juntas de Acção Patrióticas, mobilizando as massas trabalhadoras e o nosso povo para a luta contra a ditadura fascista.

A luta contra a guerra criminosa nas colónias exige o esclarecimento dos nossos filhos e irmãos que vão para a tropa. Exige que eles se organizem dentro dos quartéis, formando as Comités e Juntas para esclarecer, organizar e mobilizar todos os soldados e recusarem-se em massa a partir para as colónias.

É necessário que a juventude portuguesa tome uma posição patriótica e de solidariedade para com os povos das colónias, os nossos irmãos de luta contra o fascismo! Estreitemos mais a nossa luta com a dos povos das colónias!

Pedimos que o governo obrigue os lavradores a fabricarem essas terras e desenvolver nelas novas culturas. Se isso for feito acabará o desemprego.

Senhor Ministro, as condições que desejáramos ver asseguradas num contrato colectivo de trabalho são as seguintes:

- 1) Trabalho assegurado.
- 2) salário mínimo de 55 para os homens e de 20\$00 para mulheres.
- 3) o horário das 8 horas.
- 4) abonos de família.
- 5) assistência médica.

Gostaríamos que as bases deste contrato fossem discutidas nas Casas do Povo entre trabalhadores, patrões e delegados do governo.

Aguardamos confiantes de que seremos atendidos.

A bem da Nação.

Assinamos respeitosamente»

Que todos os operários agrícolas, homens e mulheres, assinem esta exposição!

Recolhamos dezenas de milhares de assinaturas!

TIRADORES DE CORTIÇA!

LUTEMOS POR 50\$00 E 8 HORAS

Todos nós sentimos na própria carne as nossas dificuldades e a miséria que temos nos nossos lares. Passámos um inverno cheio de fome e de sofrimento. Por isso, com maior razão se impõe lutar-nos activamente por melhores salários.

«O CAMPONÊS» chama todos os tiradores de cortiça a UNIREM-SE E A ORGANIZAREM-SE NA LUTA POR 50\$00 E 8 HORAS. Os grandes agrários arrancam fabulosas fortunas com a cortiça. Eles podem e devem pagar salários mais elevados. Em 8 horas uma parelha de homens tira mais de 20 arrobas de cortiça que é vendida depois a 140\$00 e mais a arroba.

Os agrários ainda não aplicam as máquinas na tiragem de cortiça

dos sobreiros. Eles têm que recorrer aos nossos braços, se a quizerem tirar

ORGANIZEMOS A LUTA

A nossa grande ARMA para defendermos vitoriosamente os nossos direitos e interesses é a UNIDADE, A ORGANIZAÇÃO E A LUTA FIRME DE TODOS. Sem esta ARMA não somos capazes de defender com êxito as nossas reivindicações e vencer a resistência dos exploradores. Só nós ganhamos com ela.

Falemos uns com os outros, reunamos discutamos as condições e salários a exigir. Estabeleçamos contactos, com os tiradores de outras localidades. Forjemos a unidade com elas.

AVANTEMOS POR 50\$00 E 8 HORAS!